

A RELAÇÃO DO ESPARTILHO COM O CORPO FEMININO NO SÉCULO XIX

The relationship of corset with the female body in the 19th century

OPENKOSKI, Caroline Maria. Discente; Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul, carolineopenkoski@gmail.com

DIAS, Camila Carmona. Dra.; Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul, camila.dias@erechim.ifrs.edu.br

Resumo: O “corset”, espartilho em português, esteve presente na história da moda gerando polêmica. A peça foi pioneira em agregar diferentes significados. A partir disso, esta pesquisa busca abordar a definição do espartilho e seus significados, bem como sua relação com corpo feminino no século XIX, e também mostrar os mitos e verdades sobre esta peça. O presente artigo, cuja abordagem metodológica é qualitativa, utiliza como método a revisão bibliográfica, e propõe trazer um melhor entendimento sobre a relação do espartilho com o corpo feminino no século XIX. Diante da pesquisa bibliográfica, constata-se que o espartilho é tratado como um fenômeno sociocultural, em que expressam-se a feminilidade da mulher, status, poder, sedução. Foi em consequência da utilização do espartilho, críticas, desconforto e problemas de saúde, que as mulheres foram a luta em busca da liberdade do corpo. Conclui-se que a roupa faz parte da identidade do corpo, assim como o espartilho foi considerado uma representação da identidade feminina. Foi possível avaliar que esta peça está envolta de aspectos sociais e, principalmente, a construção da feminilidade, bem como o poder de sedução por ela imposto. Além disso, abordou-se mitos e verdades que são fundamentais para o conhecimento de todas e todos.

Palavras chave: Espartilho. Corpo feminino. Século XIX.

Abstract: The 'corset,' espartilho in Portuguese, was present in the history of fashion generating controversy. The piece was a pioneer in adding different meanings. From there, this research seeks to address the definition of the corset and its meanings, as well as its relationship with the female body in the nineteenth century, and also show the myths and truths about this piece. This article, whose methodological approach is qualitative, uses the literature review as a method, and proposes to bring a better understanding of the relationship between the corset and the female body in the nineteenth century. Based on the bibliographical research, it appears that the corset is treated as a sociocultural phenomenon, in which the woman's femininity, status, power, seduction are expressed. It was as a result of the use of corsets, criticism, discomfort and health problems that women struggled in search of bodily freedom. It is concluded that clothing is part of the body's identity, just as the corset was considered a representation of the female identity. It was possible to assess that this piece is involved in social aspects and, mainly, the construction of femininity, as well as the power of seduction imposed by it. In addition, myths and truths that are fundamental for the knowledge of all were discussed.

Keywords: Corset. Feminine body. 19th century.

1 INTRODUÇÃO

O espartilho (Português) ou *corset* (Francês) do século XIX, é definido como uma cinta longa e de corte anatômico, que vai dos quadris até abaixo dos seios, feita de tecido resistente e provida de barbatanas de baleia ou lâminas de aço e com ilhoses de metal

(furos, surgidos em 1828) de cima a baixo, em que se passavam longos cadarços, puxados para apertar ao máximo o abdômen e a cintura, modelando o corpo. A finalidade do espartilho não era apenas apertar a cintura, mas também, corrigir a postura. Seus significados são sujeitos a variações que estão interligadas, como: padrão de beleza, forma, conceitos de moda e contexto histórico (BRAGA, 2007).

Segundo Fernandes (2010), durante o século XIX, o uso de espartilhos era indispensável, tanto para construção da identidade, posição social, quanto da feminilidade e beleza. As mulheres precisavam parecer inocentes, frágeis, delicadas e tímidas, podendo sentir felicidade somente sob a presença de um homem. A saúde forte era apontada como características das classes baixas. O corpo espartilhado era sinal de respeitabilidade, disciplina e postura esplêndida.

Mesmo que o espartilho tenha sido popular no século XIX, as mulheres raramente conseguiam reduzir sua cintura mais do que 5 centímetros. O fato de a cintura parecer tão pequena se dava ao excesso de volume nas saias e algumas modificações feitas por pintores em seus retratos (STELLE, 2007).

O *corset* tornou-se responsável pela restrição de movimentos da mulher, fazendo com que houvesse dificuldade para caminhar rápido, curvar-se ou erguer os braços. Em meados do século XIX, o peso da estrutura do vestido crinolina (armação em forma de gaiola usada por baixo das saias para que ficassem mais amplas) e o espartilho apertado foram as causas dos desmaios, fragilidade e mal-estar das mulheres (LAVER, 1989).

A realização do presente trabalho, tem como objetivo, mostrar a relação do espartilho com o corpo feminino no século XIX, salientando também, sua definição, função, mitos e verdades sobre seu uso. Diante disso, torna-se de fundamental importância trazer uma contextualização histórica sobre esse assunto, para que se tenha uma visão mais aprofundada sobre as relações que circunscrevem esse acessório tão polêmico e discutido. Para isto, foi utilizada a metodologia de pesquisa qualitativa, tendo como método a revisão bibliográfica.

O objetivo geral desse artigo é trazer ao conhecimento do público a definição do espartilho, fazendo um pequeno embasamento sobre as mudanças da peça até chegar no século XIX, bem como, a relação da peça com o corpo feminino neste século. Tendo como referência vários autores que falam sobre história da moda em livros e artigos, será abordado o contexto feminino em que o espartilho está inserido no século XIX, para compreensão de suas relações, sejam elas de caráter social, sexual, ou até feministas.

A pesquisa tem como objetivos específicos, o desejo de entender o século XIX, em alguns segmentos que tenham pertinência e as influências decorrentes ao assunto,

entendendo que o espartilho é a peça fundamental para a identidade feminina, no âmbito sexual e social. Além disso, trataremos dos mitos e verdades sobre os espartilhos, observando que a recorrência de algumas imagens em livros, pinturas ou revistas está intrinsecamente ligada à construção de um mito feminino que, por vezes, dificulta um estudo mais preciso e honesto da prática da constrição da cintura ditada pelo espartilho.

Teremos como referência para a escrita do artigo o pesquisador João Braga (2007), que em seu livro *“Historia da Moda: Uma narrativa”* trata da moda, suas mudanças e conceitos desde a pré história até o século XXI, com isso, torna-se de fundamental importância analisar seu contexto para expor neste artigo informações sobre a história do espartilho e a mulher. A pesquisa também fará uso das teorias da historiadora Valerie Steele (1997, 2007). A autora (bastante citada no artigo) explora de maneira aprofundada a história do espartilho, trazendo muitas questões, informações e perspectivas sobre a peça e as mulheres na época, que talvez outros autores da moda não tenham considerado a fundo. Escreve sobre mitos e verdades sobre a peça, que torna-se necessário compreender.

Outro autor muito explorado na pesquisa será James Laver (1989), que escreve de forma breve e compreensiva as principais etapas da evolução do vestuário no mundo ocidental, o que nos ajuda a entender o processo de história do vestuário, principalmente do espartilho e do século estudado. O livro *História do Vestuário no Ocidente* de Boucher (2010) também traz grandes contribuições sobre a figura feminina e o vestir.

Um tema bastante interessante para o assunto aqui tratado é escrito por Ximenes (2011), pois segundo a autora, “o século XIX revela-se essencial ao entendimento das relações entre corpo e vestimenta, com base em causas situadas na cultura, nas artes e na dinâmica social que fundamentaram a moda contemporânea” (XIMENES, 2011, p. 01).

A presente pesquisa também analisou dois trabalhos repletos de informações importantes. O primeiro intitulado “Corpo espartilhado e corpo libertado” trata da feminilidade por meio do uso do espartilho no século XIX. O segundo trabalho estudado escrito por Pereira (2020) busca explorar as relações entre o *corset* e o fetichismo no século XIX e começo do século XX. Hollander (2003) também se interessou pela história do espartilho, trazendo a ideia de que essa peça associava-se às regras de rigidez social nas quais a imagem feminina era objeto sexual para o homem.

Destarte, este trabalho busca compreender o que é o espartilho ou corset, como também traz a relação do espartilho com o corpo feminino no século XIX. Além disso, traz uma discussão entre o espartilho e o poder da sedução; o espartilho e a função social; a feminilidade da mulher; os mitos sobre o espartilho e, por fim, fala sobre verdades sobre o espartilho.

2 ESPARTILHO/CORSET: RELAÇÕES ENTRE MODA E CORPO NO SÉCULO XIX

Nesse momento será explanado o surgimento do espartilho, como também será construída a relação entre o espartilho com o corpo feminino do século XIX por meio de referências de grandes autores da história da Moda. Além disso, serão abordados na fundamentação teórica os aspectos da feminilidade da mulher, sedução e função social, ditados pelo espartilho. Por fim busca-se compreender quais são os mitos e verdades em torno dessa peça tão importante tanto para história da moda, quanto para as mulheres.

2.1 O QUE É O ESPARTILHO OU CORSET

Considerando o surgimento do espartilho e sua derivação, segundo Braga (2007, p.43) “surgiu uma peça de grande importância para toda a moda que foi o corpete que afinilava a cintura de uma maneira bem significativa”. Assim, a peça reaparece inúmeras vezes na história da moda. A figura abaixo, mostra a evolução do espartilho.

Figura 1: Evolução do espartilho



Fonte: Enciclopédia temática. Disponível em: knoww.net.

O *corset* foi, originalmente, uma gaiola de ferro inventada para fins ortopédicos e usado por aqueles que tinham algum problema na coluna vertebral¹. Entre o século XVI e o século XIX, foi repaginado e adequado à silhueta “ideal” de cada período (BRAGA, 2007).

Espartilho ou *Corset* (em Francês) é uma peça do vestuário feminino que dispõe de barbatanas metálicas e amarração nas costas. Essa peça tem como objetivo reduzir a cintura e manter o tronco ereto. Além de modelar o corpo, dificultava os movimentos, gestos e postura das mulheres (STELLE, 2007).

¹ Braga (2007) afirma que, o povo etrusco (minoico) já fazia uso de uma espécie de cinto com objetivo de afinar a cintura.

Segundo Steele (2007), o espartilho apertou o corpo da mulher durante muito tempo. A data exata nunca foi esclarecida, terá nascido na Inglaterra, na Itália ou na Espanha no século XVI para afinar a cintura, elevar o colo e proporcionar elegância ao corpo.

Até a Idade Média, os seios eram sustentados por corseletes, uma espécie de colete justo, usados por cima de camisas e amarrados nas costas. Com o tempo, essa peça tornou-se mais rígida e pesada, até o surgimento do espartilho propriamente dito (STEELE, 2007).

Conforme Braga (2007), durante o século XV, a peça concentrava sua atenção para os seios. Contudo, após o Renascimento, o vestuário transformou-se em uma peça mais rígida, surgindo o corpete pespontado, que dava ao busto o aspecto de um cone. Este corpete era armado com uma haste, encaixada no tecido (uma lâmina sólida feita de madeira, marfim, prata ou osso de peru, para as pessoas de classes mais baixas). Sua forma cônica durou até o século XVIII, o que mudava era a altura.

Figura 2: Espartilho século XVI



Fonte: Google imagens/espartilhos. Disponível em: <https://www.google.com/search>.

No século XVIII, o uso de barbatanas de baleia, tornaram as hastes mais flexíveis e os espartilhos menos rígidos. Porém, no final do século, a haste central foi substituída por várias barbatanas. O novo espartilho apertava os seios por baixo e deixava-os mais evidente (XIMENES, 2011).

Figura 3: Espartilhos adulto/infantil no século XVIII



Fonte: Vítimas da moda/(INS)PIRADAS. Disponível em: www.inspiradas.com.

No século XIX, de 1804 a 1820, a moda é dos seios separados, possível graças a um sistema de barbatanas inventado por um espartilheiro da época. A partir de 1815 os decotes ficaram mais profundos e a cintura, que era embaixo dos seios, voltou ao lugar normal consistindo silhuetas finas, o que exigia espartilhos ainda mais apertados (LAVER,1989).

Figura 4: Espartilho século XIX

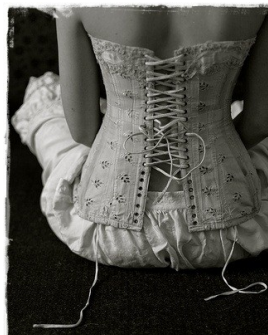


Fonte: Pinterest/ espartilhos. Disponível em: <https://br.pinterest.com>.

Segundo Boucher (2010), o ano de 1823, foi apresentado um modelo mecânico de espartilho, com polias, que podia ser atado e desatado sem a ajuda de outra pessoa. Em 1828, só existiam duas marcas registradas de espartilhos, mas em 1848 elas já somavam 64.

Em 1832, o suíço Jean Werly abriu uma fábrica de espartilhos sem costuras, que já saíam do tear com barbatanas, hastes e armações prontas. O início da industrialização, possibilitou estas modificações e a fabricação de modelos mais baratos. Em 1840, foram confeccionados espartilhos com cordões elásticos, o que facilitou que as mulheres se vestissem e se despissem sozinhas (BOUCHER,2010).

Figura 5: Espartilho com cordões elásticos



Fonte: Espartilhos século XIX. Disponível em: <https://br.pinterest.com>

No século XIX, o *corset* era usado por mulheres em diversos contextos sociais, seu acesso foi possível em decorrência dos processos industriais e pelas publicações mostrando como eram as técnicas de fabricação domésticas. Esse cenário possibilitou que mulheres das classes trabalhadora, burguesa e aristocrática tivessem acesso à peça. Assim, às mulheres das classes mais baixas, obtiveram a possibilidade de confeccionar o espartilho e outras peças em suas próprias casas (PEREIRA, 2020).

No entanto, conforme Pereira (2020), havia diferenças entre a burguesia e a classe trabalhadora com relação aos espartilhos, que consistiam em material, preço e modo de usar. As burguesas, classe mais elevada da sociedade, usavam espartilhos caros, com materiais da melhor qualidade e muito apertados ao corpo. Já as classes mais baixas, usavam a peça mas com qualidade inferior, com objetivo de beleza e para esconder suas origens, além disso, não poderiam usar os espartilhos apertados, pois isto, as impedia de trabalhar.

2.2 A RELAÇÃO DO ESPARTILHO COM O CORPO FEMININO NO SÉCULO XIX

O *corset* e a crinolina são formadores de um desenho de corpo que pode ser imediatamente identificado como feminino, se o corset existe para servir a uma configuração de corpo, admirada em uma certa época, é porque espera-se que as mulheres tivessem tal corpo, ou seja, era considerado a tendência da época (LAVÉR, 1989).

Segundo Fernandes (2010), era muito comum que mulheres se sentissem sufocadas e até mesmo desmaiassem em função da rigidez da estrutura do espartilho e da força empregada para que ele ficasse justo.

Os desmaios eram até admirados pois reforçavam a suposta fragilidade feminina e davam a chance de homens mostrarem sua superioridade física e moral. “O desmaio, que poderia ser provocado pelo espartilho apertado, era um comportamento considerado apropriado às mulheres da burguesia” (FERNANDES, 2010). Além do desconforto para respirar, a vestimenta também afetava os movimentos. Alguns dos modelos impossibilitavam levantar os braços e sentar. A seguir, será tratado sobre a capacidade do espartilho como objeto da sedução.

2.2.1 Espartilho e o poder da sedução

O espartilho sempre foi um grande símbolo sexual, tanto o homem como a mulher possuíam um tipo de fantasia para com a peça, no caso da mulher há certa discussão sobre

o verdadeiro significado de sua relação com o espartilho, pois os trajes femininos sempre estiveram ligados às regras impostas por uma sociedade patriarcal (HOLLANDER, 2003).

O século XIX, considerado por Hollander (2003) dominado pelos homens, traduziu nas roupas regime de autoridade, em que o prestígio do homem era dado especialmente pelas calças, enquanto as saias dos vestidos, especialmente armadas, representavam sinônimo de feminilidade.

Hollander (2003), abordou a ideia de que o espartilho associava-se às regras de rigidez social nas quais a imagem feminina era objeto sexual para o homem. Ela considerou que o espartilho configurava em sua estrutura e modo de vestir a dominação masculina, pois pretendia uma cintura marcada e uma silhueta mais definida, mostrar a ideia de mulher frágil que devia ser “cuidada” ou controlada pelo homem, sendo a fragilidade legitimada também pelos desmaios causados pelo aperto da peça.

Temos como exemplo de sedução o espartilho, peça que comprimia a cintura feminina evidenciando-a ou a roupa de festa, que se ajustava ao corpo engrandecendo as formas com seus babados e franzidos, além dos perfumes e adornos que despertavam os sentidos do homem, ou até mesmo a crinolina que conferia as saias e vestidos um grande volume (HOLLANDER, 2003).

Segundo Steele (2007), o fetichismo (ficção) na época era forte, mas era praticado pela minoria das mulheres. Os objetos e peças relativas à figura feminina, como sapatos e espartilhos, eram valorizados muitas vezes mais do que o ato sexual em si, chegando a ser cultuados. Conforme Laver (1989), as boas maneiras da mulher junto a sua produção vestida, somavam pontos para que o homem em situações sociais, fizesse seu marketing pessoal perante a sociedade como veremos a seguir.

2.2.2 Espartilho e a função social

Ao analisarmos a relação do homem com o espartilho², ele fazia parte de um conjunto de peças que reforçavam as suas imagens de chefes de estado, causando também um efeito de força sexual feminina, trazendo a sensação de bem-estar e poder que era o essencial para torná-las superiores em um mundo dominado por homens (LAVÉ, 1989).

² Alguns homens, principalmente no período dandista no século XIX, faziam uso de espartilhos. Mas, o propósito desse uso por homens era a correção postural (LAVÉ, 1989).

Conforme Laver (1989), o corpo vestido representava emblema social, pois havia uma pequena diferença entre a roupa do dia e a roupa de festa. Enquanto a roupa do dia cobria a mulher, as destinadas para festas, despiam-lhe o colo, os braços e definiam sua cintura e ancas, finalizando com as elaboradas saias.

Mais do que uma peça de vestuário que simbolizava decoro e beleza, o espartilho guarda uma estreita relação com as funções sociais que a sociedade sempre impôs às mulheres. O corpo liberto, ou seja, sem o uso do espartilho, representava uma ameaça à submissão que caracterizava a condição da mulher, colocando em risco a dinâmica de dominado e dominador que sempre foi a base da sociedade patriarcal. Na prática, corpos que não se submetessem às regras masculinas eram vistos e tratados como ameaça política e desestabilizadores sociais (HOLLANDER, 2003).

Segundo Fernandes (2010), O regime patriarcal e a sociedade machista da época imprimiam todas as suas vontades e desejos na imagem feminina, através dos bons modos ensaiados e ensinados pelos pais e pela igreja. A boa moça, deveria ser comportada e possuir atributos nos quais serviriam para arranjar um bom casamento e um bom marido. Uma moça que fugia dos padrões da época, não era vista com bons olhos. Tanto que nem em manifestações públicas e atividades políticas da época, era permitido a sua presença. No próximo será abordada a feminilidade da mulher.

2.2.3 A feminilidade da mulher

Desde os primórdios da humanidade existe o desejo feminino de destacar-se por sua bela aparência. Exageradamente ou com toques sutis, a mulher foi enraizando cada vez mais a sua feminilidade e vaidade através dos anos (STEELE, 2009).

Segundo Hollander (2003), o mundo da moda é conhecido pela opressão e privação de muitas mulheres, sendo um evidente obstáculo em sua busca pela liberdade. Por outro lado, esse contexto, foi capaz de ser um grande aliado do público feminino e suas lutas por igualdade de gênero. Tímida, delicada, frágil, desde o final do século XIX e começo do século XX, as mulheres começaram a exigir seu direito ao voto, buscar seus lugares no mercado de trabalho, decidir o momento da sua maternidade.

No século XIX, a família e o casamento eram significativamente importantes. Um exemplo disso foi a Rainha Vitória, esposa e mãe exemplar ficou conhecida como símbolo da feminilidade. O casamento deveria ser preservado e respeitado, caso contrário, era considerado como desonra, vergonha e humilhação (FERNANDES, 2010).

Segundo Fernandes (2010), neste século, a mulher era observada pela sua sexualidade, seu corpo. Consideradas sensíveis e fracas, sua aptidão era especialmente ser mãe e cuidar dos filhos. As mulheres eram impedidas de ocupar qualquer cargo político ou cultural, com exceção do magistério e eram vistas como dependentes do homem. A seguir, este artigo abordará os mitos e as verdades em torno do espartilho.

2.3 MITOS SOBRE O ESPARTILHO

Haviam muitas notícias e charges sensacionalistas condenando o uso extremo do espartilho ou *corset*. E, como é comum nesse tipo de publicação, costumam exagerar para causar indignação. Então aparecem ilustrações sobre deslocamento de órgãos, notícias de mulheres que morreram ao ter os pulmões perfurados por barbatanas, coisas que não possuem fontes ou evidência médica (STEELE, 2009).

Ao longo dos anos, os espartilhos receberam o crédito de causar diversos problemas de saúde. Era dito que estas peças deformavam os órgãos internos e causavam câncer. Algumas doenças atribuídas aos *corsets* eram de natureza falsa e sexista. Também não existe registro de uma mulher que tenha tido uma costela cirurgicamente removida para que pudesse vestir melhor um espartilho (STEELE, 2009).

Conforme Steele (2009), para muitos médicos da época a cintura da mulher era alvo de preocupação extremamente perigosa se chegasse aos 40 – 38 cm. Porém uma minoria de mulheres chegava a essa medida. As cinturas da época na realidade equivaliam a aproximadamente 68 centímetros, no entanto, o fetichismo e o Marketing de beleza ideal mostravam o contrário.

Em muitos livros, publicações ou revistas da época, encontra-se fotos de mulheres no século XIX e início do XX com cinturas absurdamente finas. Muitas dessas cinturas são resultados de truques de ilusão de ótica com o volume das roupas (saias com muito volume, mangas bufantes, enchimento no busto). Além disso, nessa época já existia a edição e retoques de fotos, recurso também utilizado para afinar a cintura. O padrão de beleza da cintura fina de fato existia, mas era um ideal que boa parte das mulheres não conseguia atingir (HOLLANDER, 2003).

O *tight lacing* (laço apertado usados para diminuir ao máximo a cintura), não constituía, dentro da moda do século XIX, uma prática de embelezamento. Pelo contrário: era considerada como fetichista, tratada como doença psiquiátrica, o que ocasionava que seus praticantes, por vezes, mantivessem tal prática em segredo (STEELE, 1997).

É provável que os homens não tenham oprimido as mulheres ao exigir que elas usassem espartilhos, mas elas certamente usaram para impressioná-los, como forma de status e poder e afirmar sua posição entre outras mulheres (STEELE, 2007).

2.3.1 Verdades sobre o espartilho

Para a autora Steele (1997), os espartilhos (*corsets*) não eram exatamente as peças mais saudáveis para uso diário. Eles, de fato, forçavam os órgãos a se deslocarem, causavam indigestão, constipação e, eventualmente enfraqueciam os músculos das costas. Eles também não deixavam muito espaço para os fetos nos ventres das mulheres. Mas eles não eram mortíferos.

No entanto, conforme Ximenes (2011) as crianças eram as que mais sofriam, quanto antes começassem a usar os espartilhos, mais fina sua cintura ficaria quando adultas.

... a cintura se tornava sempre mais estreita e o espartilho estrangulava a cintura mais e mais, tornando os volumes das saias maiores ainda, conferindo ao corpo feminino a forma de uma clepsidra. As meninas deviam entrar nesse processo de transformação: desde pequenas, tinham de aprender que, para serem aceitas nos padrões vigentes, deveriam ser submetidas às torturas da moda. Vários anúncios de espartilhos aconselhavam as mães a deitarem suas filhas de costas no chão para prenderem melhor os cadarços desse acessório (XIMENES, 2011, p.57.)

Uma técnica que era utilizada por algumas mulheres, principalmente atrizes, dançarina, etc, mas que não se estendia a grande parte da população era o “Laço apertado”, que é a tradução de *tight lacing*, resumindo basicamente do que se trata a técnica, que consiste em treinos diários com o *corset* a fim de afinar a cintura e modelar a silhueta. Esta modelagem se dá através da pressão que o *corset* apertado exerce sobre as costelas flutuantes, fazendo assim, com que as mesmas se curvem gradativamente (XIMENES, 2011).

O sentimento relacionado ao uso do espartilho era de opressão. Havia uma atenção rigorosa para os códigos do vestir, bem como os movimentos de mudanças do papel feminino na sociedade, tais como equivalência com os homens, o direito ao voto, a liberdade para trabalhar e ganhar dinheiro. Porém, no final do século XIX, os espartilhos ainda eram extremamente apertados e reduziam a mobilidade das mulheres (HOLLANDER, 2003).

A queda no uso do espartilho só iniciou durante o fim do século XIX e começo do século XX. As mulheres questionavam a utilização a vestimenta tão desconfortável. Além

disso, com o avanço da medicina, *corsets* e espartilhos passaram a ser considerados um risco à saúde.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Temos como resultado que a roupa é a identidade do corpo, assim como o espartilho foi considerado a identidade feminina. Por melhor preparada que uma mulher seja intelectualmente sempre que ela se projeta a frente de uma ideia ela é antes julgada pela sua aparência e depois pelo que ela tem a dizer.

A sociedade impôs regras às mulheres que deveriam ser cumpridas por todas elas para que fossem reconhecidas e admiradas. O uso do espartilho se tornou uma ferramenta feminina de poder em vários aspectos da sociedade, diferenciando o feminino e o masculino, classes baixas e altas, a feminilidade, a função social.

O tema principal do estudo, o espartilho, e a sedução que ele envolve, mexe com o imaginário masculino. O homem “viaja” no corpo de uma mulher ao olhar ela espartilhada, com o corpo “perfeito” todo moldado. Além disso, essa peça é de suma importância histórica, propiciando mudanças na sociedade, como a mudança do papel e do comportamento da mulher ao passar do tempo.

A relação do espartilho com o corpo era considerada tão importante, que pode se dizer, que o espartilho é mais admirado do que o próprio corpo. Sem ele, a mulher ficaria submissa e seria considerada uma ameaça em relação aos fatores políticos e a sociedade. Apesar disso a mulher não poderia participar da política, ocupar cargos públicos e votar.

As cinturas da época eram consideradas muito finas, porém segundo esta pesquisa, pode se dizer que a minoria das cinturas chegava a 40 cm, que eram as de artistas, atrizes e algumas mulheres que praticavam o *tight lacing* (laço apertado). O que ocorre em algumas imagens é, na verdade uma ilusão, criada através de saias muito amplas, bustos grandes e retoques em fotografias.

Uma grande verdade, é que realmente o espartilho (*corset*) causava dificuldades para as mulheres em relação aos movimentos e respiração causando até desmaios, isso pelo fato da peça ser bastante apertada. Também há muitas críticas dos médicos em relação a peça por causar problemas de saúde, porém não é possível afirmar que houve mortes em decorrência do seu uso.

Observa-se que há controvérsias por parte de alguns autores que falam sobre os espartilhos, entre a dominação do homem perante as mulheres e a própria vontade delas em querer seduzir e demonstrar status.

Diante da pesquisa bibliográfica, constata-se que o espartilho é tratado como um fenômeno sociocultural, onde expressam-se a feminilidade da mulher, status, poder, sedução. Apesar de representar a mulher como sexo frágil, tímida, delicada a peça foi considerada a identidade da mulher, o que diferencia-a do masculino. E foi também a partir dela, das críticas, desconforto, ou até prolemas de saúde, que as mulheres foram a luta em busca da liberdade do corpo.

O *corset* foi pioneiro ao agregar vários significados a uma peça só. Além de ser uma peça usada como forma de status social, de representação do poder masculino, restringindo os movimentos das mulheres e modificando o seu corpo, o *corset* também foi usado para realçar a sexualidade feminina.

Foi possível, através deste artigo, abordar a evolução e definição do espartilho, afirmando sua importância no decorrer do século XIX. Também pôde-se analisar os mitos e verdades em torno dessa peça para que os leitores possam compreender um pouco dessa história.

REFERÊNCIAS

BOUCHER, François. **História do Vestuário no Ocidente**. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

BRAGA, João. **História da moda: uma narrativa**. São Paulo: Editora Anhembi Morumbi, 2007.

FERNANDES, Ana Cláudia Bueno. **Corpo espartilhado e corpo libertado**: Os debates sobre abolição do espartilho no New York Times na década de 1890. TCC apresentado a faculdade de história da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2010. Disponível em <<https://www.lume.ufrgs.br>>. Acesso em 09 out. 2021.

HOLLANDER, Anne. **O sexo e as roupas**: A evolução de traje moderno. Rio de Janeiro: Roco, 2003.

LAVIER, James. **A roupa e a moda**: Uma história concisa. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

PEREIRA, Roseana Sathler Portes. **O corset como objeto fetiche na Inglaterra Vitoriana e as crises de valores nas dinâmicas entre classe e gênero**. ModaPalavra: Florianópolis, jul./set. 2020. Disponível em DOI: <http://dx.doi.org/10.5965/1982615x13292020014>. Acesso em 15 de out. 2021.

STEELE, Valerie. **The corset: A cultural history**. New Haven & London: Yale University Press, 2007. Disponível em <www.scribd.com>. Acesso em: 11 out. 2021.

STEELE, Valerie. **Fetichê: sexo, moda & poder**. Rio de Janeiro: Rocco, 1997

XIMENES, Maria Alice. **Moda e arte na reinvenção do corpo feminino no século XIX**. Rio de Janeiro: Senac Rio, 2011.